

LITERATURA E PSICOLOGIA AMBIENTAL: UM OLHAR SOBRE A CASA NO LIVRO A CASA, DE NATÉRCIA CAMPOS

José Airton Nascimento Diógenes Baquit

Karla Patrícia Martins Ferreira

Sylvia Cavalcante

Natércia Campos e *A Casa*

Natércia Campos de Saboya, mais conhecida como Natércia Campos, nasceu em Fortaleza, em 1938. É filha do contista cearense Moreira Campos (1914-1994). Estreou na literatura com a publicação do conto “A Escada”, lançando posteriormente as obras: *Iluminuras* (1988), *Por terra de Camões e Cervantes* (1998), *Noite das Fogueiras* (1998), *A Casa* (1999) e *Caminho das Águas* (2001). Escritora premiada, Natércia também exerceu outras atividades: foi funcionária da Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, membro da Academia Fortalezense de Letras e da Academia Cearense de Letras, além de integrar a Sociedade Amigas do Livro. Ainda é importante destacar que todo o acervo construído ao longo de sua trajetória foi doado à Universidade Federal do Ceará em 2007, compondo o Acervo do Escritor Cearense.

Quanto ao romance *A Casa* (1999), a própria casa é quem aparece como narradora da história. Ou seja, a casa narra a sua construção no sertão do Nordeste, além de contar sobre várias gerações que nela habitaram, numa espécie de personagem humanizada, constatando alegrias e tristezas, nascimentos e perdas, degradações e silêncios. Dessa forma, a casa se configura como espaço e personagem, pois ela observa as diversas questões que estão para além de uma espacialidade geograficamente determinada. A casa, neste sentido, é mais que materialidade espacial, pois aborda desejos, vícios, remorsos, ódio e paixões de familiares que deixaram suas marcas no ambiente. *A Casa* é, portanto, um recorte não cronológico, onde os personagens se entrecruzam pelos caminhos fragmentados da lembrança.

A Psicologia Ambiental e a Moradia

A Psicologia Ambiental estuda a relação do indivíduo com o ambiente físico e social, interessando-se pelos efeitos que o ambiente pode exercer nos comportamentos individuais, bem como a atuação do próprio indivíduo diante do seu contexto. Ou seja, há uma associação entre o indivíduo e o ambiente que favorece o estudo das interações como objeto de análise desta área. Esse é o entendimento apresentado por Günther, Pinheiro e Guzzo (2004), no livro *Psicologia Ambiental: entendendo as relações do homem com o seu ambiente*. Neste sentido, a Psicologia Ambiental está associada a um conjunto de elementos que enfatiza as pessoas e as suas relações.

Portanto, o interesse da Psicologia Ambiental é o de compreender a relação do indivíduo com as possíveis incidências que o ambiente macro e micro possa lhe causar, estudando tal reciprocidade entre pessoa e ambiente; reciprocidade esta que é caracterizada pelo dinamismo. Para Ittelson et.al. (2005), o conceito de Psicologia Ambiental deve ultrapassar definições rígidas. Eles a destacam sempre com um enfoque histórico-social, demonstrando que os problemas sociais são preocupações pertinentes da própria Psicologia Ambiental. Há, dessa forma, uma orientação humanística ao pensar sobre a relação do indivíduo com o ambiente, pois o homem não afeta somente a terra em que vive, mas a todos os outros sujeitos que estão ao seu redor. Os autores ressaltam que o indivíduo não pode responder a um ambiente caso esteja separado de sua função enquanto ser social.

A interação do indivíduo com o seu contexto mostra, através dos exemplos anteriores, que o ambiente possui valor simbólico, e que a maioria dos ambientes tem a comunicação simbólica em sua estrutura, “nos dizendo o que se esperar de um *setting* particular e, além disso, como avaliar a nós mesmos em relação a ele” (ITTELSON et al., 2005, p. 1). Esse valor simbólico, por exemplo, pode ser encontrado na construção das moradias, que possuem significado muito maior do que simplesmente reduzi-las ao ambiente físico. Alguns estudos relacionados à arquitetura enaltecem que as moradias em qualquer parte do mundo “são um reflexo dos valores sócio culturais da época e da região, expressando necessidades que estão além da

mera necessidade de abrigo físico e conforto – necessidades psicológicas de identidade, criatividade e harmonia com o mundo” (ITTELSOON et al., 2005, p. 1).

A casa: local de nossas expressões e subjetividade

A casa é um dos nossos primeiros elementos de contato com o mundo. Ela exerce, de maneira fundamental, a função de abrigo; de proteção; de barreira contra os perigos da natureza. Essa talvez seja a primeira imagem que estabelecemos sobre a moradia. No entanto, é possível ultrapassar essa percepção que enquadra a casa somente aos seus aspectos físicos, pois há muitos elementos constituintes em torno da moradia. Tais elementos geram um corpo de imagens que confere estabilidade ao indivíduo, e a compreensão dessas imagens torna possível uma psicologia da casa, revelando a alma da própria moradia. Para Bachelard (1993), a estabilidade do indivíduo está relacionada a uma casa onírica, ou seja, uma casa natal que gravou em nós várias funções relativas ao habitar, indo além de nossa própria imaginação, pois “habitar oniricamente a casa natal é mais que habitá-la pela lembrança; é viver na casa desaparecida tal como ali sonhamos um dia” (BACHELARD, 1993, p. 35).

Há, portanto, a consolidação de uma casa enquanto lugar primário, de lembranças retornos e afetos. No trabalho intitulado *Casa: uma poética da terceira pele*, Maíra Felipe (2010) destaca exatamente as questões que estão para além de denominações formais, utilitárias e quantitativas sobre a casa, transcendendo fórmulas fixas sobre a habitação. Neste sentido, as reflexões sobre a moradia devem considerar a habitação como um fator relativo à própria condição humana, no sentido de que “habitar é habitar o mundo, ser no mundo, existir. Circunstância relativa à satisfação das condições psicofisiológicas do ser humano, de seu ser como indivíduo e parte integrante do grupo social” (FELIPPE, 2010, p. 301).

O estudo direcionado à casa e às suas diversas lembranças seria, de acordo com Bachelard (1993), uma espécie de topoanálise, ou seja, um estudo específico de localização dessas lembranças, pois a casa armazena grande parte de nossas atitudes em refúgios bem caracterizados, principalmente

quando a casa tem porão, sótão, cantos e corredores. A topoanálise seria, dessa forma, uma sistematização mais voltada à compreensão dos locais que constituem ou constituíram nossa vida íntima, com interrogações bem definidas, como por exemplo, o canto era quente? O aposento era grande? O sótão estava atravancado de coisas? Como era o contato com o silêncio? Diversas questões surgem para o denominado topoanalista, na medida em que:

A casa é uma das maiores (forças) de integração para pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. Nessa integração, o princípio de ligação é o devaneio. O passado, o presente e o futuro dão à casa dinamismos diferentes, dinamismo que não raro interferem, às vezes se opondo, às vezes excitando-se mutuamente. Na vida do homem, a casa afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser “jogado no mundo”, como o professam as metafísicas apressadas, o homem é colocado no berço da casa. E sempre, nos nossos devaneios, ela é um grande berço. Uma metafísica concreta não pode deixar de lado esse fato, esse simples fato, na medida em que ele é um valor, um grande valor ao qual voltamos aos nossos devaneios. O ser é imediatamente um valor. A vida começa bem, começa fechada, protegida, agasalhada no regaço da casa (BACHELARD, 1993, p. 26).

Essa casa protegida, fechada, local de segurança e agasalho, quase sempre foi uma característica da moradia. Para Gonçalves (2014), a casa está relacionada ao conceito de lugar central enraizador, tornando-se referência para o sujeito, já que é “a apresentação única e singular, vívida e situada dos sujeitos a transformar-se, depois, em representação” (GONÇALVES, 2014, p. 85). A casa, portanto, passa a ser a continuidade do sujeito tanto a nível biológico quanto simbólico, em um processo onde o homem foi testemunha dessa transformação. Não é mais uma casa biológica, funcional, em que as funções estão bem definidas: o lugar para dormir, tomar banho e comer. A dimensão funcional da casa é ultrapassada, pois a moradia conquistou um valor humano primordial.

No entanto, apesar de reflexões direcionadas a casa enquanto portadora de lembranças e afetos torna-se importante destacar que essa mesma casa pode ser percebida como um ambiente de conflito. Isso pode acontecer por diversos fatores. Vamos destacar alguns aspectos que são fundamentais para o desenvolvimento de nossa constituição enquanto sujeito. Acreditamos que há ligações entre esses elementos (descritos abaixo) e a percepção da casa enquanto imagem positiva ou negativa. Tais funções foram elencadas por Eiguer (2000, p. 20-21), psiquiatra e psicanalista, docente da Université Paris V.

1) Uma função de contenção e diferenciação entre dentro e fora. Contém a identidade familiar. Esta função lembra o quadro que abrigará os aspectos mais desorganizados da psique familiar, aqueles que suscitam os temores de naufrágio, de dispersão, de confusão, marcado pela angústia dos limites. O hábitat interior se torna, então, a garantia de onirismo, sua “casca”.

2) Uma função de identificação. Cada papel sexual, função e laço, são aí representados. O hábitat interior delimita, e mesmo, reforça as alianças, sublinha os conflitos entre pessoas e subgrupos, afia-os, talvez.

3) Uma função de continuidade histórica, que inclui as lembranças traumáticas. O hábitat interior contribui para ligar as diferentes experiências vividas entre os membros da família, ressoando nos pais com as lembranças frequentemente ligadas a seus lares de origem.

4) O hábitat interior teria uma função criadora. Ele “faz” o hábitat exterior; o quarto e a cama seriam uma figuração do quarto e da cama fantasmáticos. O que se deseja e que é projetado sobre o quarto, sobre a cama, reais, permite a apropriação do espaço.

5) Uma função estética, enfim: a procura da beleza na harmonia das formas, tirando daí o prazer de estar juntos.

A casa em *A Casa*, de Natércia Campos

A casa – no livro *A Casa* – aparece relacionada à memória e à recordação através da própria casa enquanto narradora, tecendo um emaranhado de lembranças daquele ambiente familiar. É importante destacar que as recordações da casa não são apenas recordações positivas, pois ela também apresenta uma série de conflitos, diferenças e mistérios que são mencionados durante a narrativa. Ou seja, a casa enquanto narradora do romance se apropria do seu lugar específico para observar os diversos contextos que a rondam, sejam eles bons ou ruins. Há, portanto, uma busca de identidade da própria casa quando se evoca a memória, pois é a partir da observação e da “escuta” dos seus integrantes que a própria casa constrói uma espécie de quebra-cabeça de sua história.

É possível perceber, logo no início do livro, a descrição detalhada sobre o material utilizado durante a construção da casa, numa tentativa de demonstrar o zelo com que construíram sua base; sua sustentação. E essa descrição já demonstra uma casa feita para percorrer gerações, pois a linguagem já apresenta um tom de coisa permanente, onde a dimensão temporal se faz presente.

Fui feita com esmero, contaram os ventos, antes que eu mesma dessa verdade tomasse tento. Meu embasamento, desde as pedras brutas quebradas pelos homens a marrão aos baldrames ensamblados nos esteios, de-me solidez. As madeiras de lei duras e pesadas com que me construíram até a cumeeira têm o cerne de ferro, de veios escuros, violáceos e algumas mal podiam ser lavradas. Todas elas foram cortadas na lua minguante para não virem a apodrecer e resistirem, mesmo expostas ao tempo: o estipe das carnaúbas, os troncos dos jucá, os da ibiraúna, a braúna, madeira preta dos índios fechadas à umidade por ser impregnada de resinas e tanino. Usaram pau d'arco rígido e flexível, daí sua força nos vigamentos e arco indígenas; as linhas foram feitas da aroeira-do-sertão – a árvore da arara, onde esta poussa e vive –, do angico de raias castanho-negro de tronco rugoso parecendo trazer nele incrustadas pequeninas ostras, do sabiá-piúga de casca da cor da plumagem

desse pássaro. Das chapadas profundas do sertão veio o pau-branco, de tronco da cor de prata acinzentada e clarear a mata onde vive o oloroso, preservado e incorruptível cedro de porte nobre (CAMPOS, 2004, p. 7).

(...) Fui tocada pelo sopro da vida quando foi colocada a pedra de lioz da sagrada soleira que doravante protegeria meus domínios familiares. Meu dono descobriu-se solenemente antes de levantá-la, ajudado por dois mestres em cantaria. Os três em silêncio a fixaram na entrada, defensora e guardiã, daí em diante, dos malefícios. Sob ela se guardariam amuletos, simpatias e seriam enterrados os umbigos dos recém-nascidos para que fossem apegados à casa paterna. Nela se pediriam graças e se dariam bênçãos nas partidas. Era no seu limiar que a mãe recebia, de volta dos braços da madrinha, a criança já batizada: “Minha comadre, aqui está seu filho que levei pagão e lhe entrego cristão”. Na soleira, como na pedra de ara dos altares, as mulheres não deveriam tocar para não secarem a madre, tornando-se estéreis (CAMPOS, 2004, p. 9-10)

Apesar da tentativa inicial de descrever uma casa que foi construída para durar por diversas gerações, feita com todo zelo e cuidado, o que poderia gerar uma ideia romantizada da casa, a narradora (a própria casa) elenca diversas questões que nos transporta para uma casa que também abriga ausências, ruínas e degradações. Talvez a idealização da casa através de um ponto de vista romântico seja comum, muitas vezes identificada como um pedaço de nossa constituição e subjetividade. Ou seja, a casa percebida enquanto portadora de voz e alma, conjunção de nossos gostos, prioridades e desejos. No entanto, essa mesma casa idealizada também é território amplo de contradições. É nessa perspectiva que Costi (2002) elenca alguns fatores – barreiras arquitetônicas, de transporte ou comunicação – que vão na contramão dessa casa ideal, surgindo, portanto, casas que matam.

Tal percepção, segundo Francisco (2008), desestabiliza o formato arquetípico de uma casa caracterizada como centro integrador de afetos, pois a casa contemporânea é apresentada enquanto local de ambivalências e negatividades. Dessa forma:

A casa contemporânea diz aquilo que a casa bachelardiana jamais irá sequer sussurrar: ela diz não. Não à suposta evidência dos seus espaços, não a uma certa “topofilia”, uma certa adesão inconteste do sujeito aos espaços concebidos como sinônimo de fixidez e imutabilidade funcional (FRANCISCO, 2008, p. 29-30).

É justamente essa casa ambivalente que o romance também apresenta ao demonstrá-la enquanto “testemunha de conflitos”, onde acontece uma espécie de degradação contínua, existindo uma simbiose degradante entre casa, espaço e personagens. Portanto, há vários momentos em que a casa aparece como observadora de um tempo que está ruindo, onde somente ela sabe os segredos resguardados pelas fronteiras físicas. Dessa forma, podemos dizer que a casa apresenta dois lados, que estão relacionados com os estudos da Psicologia Ambiental: um lado associado à terra, ao chão, ao território; e outro lado associado à questão simbólica, que também é marcante, apresentando conceitos como apropriação, vínculo e apego ao lugar, por exemplo. Em relação a essa casa mais simbólica, destacamos duas passagens sobre esse espaço que tende a revelar seus mistérios.

Houve um tempo em que começara por aparecer nas manhãs uma névoa, um cinzeiro, toldando a luz do sol. Surgiram as nuvens pesadas, escuras, a pouca altura da terra, pregoiras de desgraça. Ouvi estrondos longínquos e senti um levíssimo desequilíbrio. Os xerimbados tornaram-se inquietos, espavoridos. As andorinhas abandonaram minhas telhas assustadiças. O passador de gado dissera ter assistido ao encontro de ventos, contenda sempre violenta. Conseguira afastar aquele girar de pó, de folhas secas, a ensombrear os caminhos, riscando às pressas na terra o sino-salomão, a estrela de seis pontas, mas notara que aquele remoinho tinha vida própria, não era só lufada brusca de vento e persignara-se. O dia não fora bom, ora estava quente, ora corria o ar-do-vento frio trazendo mudanças na natureza do tempo. As aves se recolheram mais cedo aos ninhos. A noite desceu rápida, engolindo toda a luz, quando houve um reboar que subiu das entranhas daqueles sertões e sento oscilar meu chão, como se estivéssemos

plantados no dorso de um grande animal de porte que se pusera em trôpego e lento movimento tal qual o dos cágados. Mas tudo estacara de repente e nada parecia ter ocorrido. Novamente o grande dorso movera-se e um surdo rumor, vindo do infinito, alastrou-se como as trevas daquela noite. Alguns dos meus moradores falaram, se agitaram de dentro do sono profundo, outros acordaram estremunhados e vacilantes, só o velho que desaprendera a dormir invocou o nome de Deus. Um estranho silêncio envolveu aquele mundo e então todos acordaram. Velas foram acesas e os que viviam próximos foram os primeiros a dar conta do acontecido, já que nas suas casas de taipa seus telhados de duas águas tornaram-se enviesados, de través, e os choros se fizeram ouvir. A casa de farinha, o quarto dos arreios e das forragens racharam-se, encheram-se de fuligem, de sujeira e dos excrementos secos dos pássaros, pois em alguns destes compartimentos as telhas ruíram dos caibros e ripas. Não sofri abalos nas minhas fundações e dos meus telhados houve debandada de asas. No carascal daquele chão ficaram largas e profundas fendas que muito depois os mais antigos disseram ter sido por elas que se libertara a Grande Peste espalhando miasmas, tempo esse em que a Morte desceu pelas águas dos rios. Só arredou Ela desta povoação quando os ventos danosos e enfermos e as nuvens baixas se recolheram nos espaços (CAMPOS, p. 20-21).

Quando a Velha-do-Chapéu-Grande, assim o empalhador de cangalhas para montarias chamava a fome, empoleirou-se de vez, assistindo ao padecer dos viventes, há muito haviam se apartado as águas, não mais existiam as plantações, os pastos, o chão crestara-se ferido, as árvores tornaram-se pardas, empoeiradas, as coisas tresandavam a borralho e os homens e animais começaram a minguar e a finar-se. Tive a sensação de que ia me tornando volátil, envolvida pela modorra, não percebendo que todos já partiam em êxodo. Trancaram-me portas, janelas e o vento esgueirou-se sorrateiro apagando os rastros dos que se foram (CAMPOS, 2004, p. 21-22).

Portanto, percebemos que não há apenas uma maneira de observar a casa no romance aqui analisado, pois ele possibilita outros tipos de leituras e investigações, porém a relação familiar percorre várias partes da obra. Essa relação familiar, perpassada por algumas gerações, vai ao encontro de uma casa que, tal qual a família, é construída e reconstruída constantemente, tudo isso em meio a fragmentos de memória. Destacamos também que a relação familiar é o ponto principal para que a narradora (a casa) conte sobre os segredos, valores, costumes, mistérios e desconfianças que rondam ou rondaram o seu ambiente, com seus diversos personagens.

Nesta família de tantas gerações vi retornarem em um elo inquebrantável: gestos, cor dos olhos, sestros, tom de voz, cismas, sinais, dores nos ossos e a inquietante insônia. “Cada vivente já vem temperado; dele próprio é quase nada”. É este quase nada que os diferencia da herança familiar e revela suas excentricidades que me faz trazê-los de épocas e costumes diferentes, de onde ressurgem como o Bisneto que trouxera o espelho. Dezembro, época em que o sol estaciona nos céus, já sabíamos ele e eu sobre o advento ou não da estação das chuvas pelas estrelas. Muito acima das minhas telhas perpassa, desde o instante em que a luz do dia se apaga, a ronda das constelações cujas figuras lembram os feitos dos deuses. O Cruzeiro do Sul me faz lembrar o cacuri, a velha armadilha de pegar peixes dos índios. Assisto à ascensão da solitária estrela Capella sobre a qual o Bisneto afirmava: “Nela originou-se a humanidade”. Dizia que nas trilhas dos cometas extinguíam-se reinos, dinastias, sábios homens e que os antigos pastores guiavam-se pelas estrelas a traçarem nos céus os rumos da terra. Vejo todos estes esplendores se repetirem, ad infinitum, no firmamento e seus reflexos no espelho das águas serenas do açude. Esta caminhada desenhada nos céus tem a mesma continuidade dos dramas entre os homens, perenes como as inconstantes formas das nuvens. Costumava ele dizer, mirando o céu com um óculo-de-alcance: “É mais bela a vida acima dos telhados do que debaixo deles” (CAMPOS, 2004, p. 22).

Vi esgueira-se pela porta do quarto de Ana, que já adormecera, seu pai. O fino véu que cobria a rede foi por ele afastado, emaranhando-se, e Custódio, aprumando as mãos trêmulas, tateara aquele corpo de menina ali descoberto. O grito de pavor que dela saiu ao ser assim acordada me fez voltar no tempo, quando aquele pesado e velho morcego, com suas membranas espalmadas, arrastara-se bambo e lento pelo corpo daquela menina. Custódio correu encurvado escondendo-se no quarto vizinho e, ao acorrerem, Eugênia e a ama, nada a elas revelou do que ali se passara. Ana chorava sem consolo. Nesta noite a ama dormiu junto a sua rede. Novamente só eu assistira. Pela primeira vez desejei findasse para mim ter de assistir ao viver de cada dia e noite entre os homens. Vontade de que meus sentidos só abrangessem a vida cima dos meus telhados na rota das estrelas (CAMPOS, 2004, p. 63).

Também destacamos alguns trechos em que a própria casa apresenta, num tom de lamento, as reformas mal sucedidas e o abandono constante na qual ela foi submetida, sem os privilégios de um tempo em que ainda preservava o zelo inicial de sua construção. O lamento da casa é direcionado principalmente aos homens, pois o desgaste do tempo não a aflige tanto quanto os roubos, a depredação e o vandalismo.

Nas minhas telhas, com o passar dos anos, os ventos semearam tufo de ervas, espinheiro cardeiros, sementes e parasitas que se enroscam, fazendo surgir suas pontas verdes entre elas. Os sons da vida são trazidos pelos pássaros e pombos com seus gravetos e arrulhos de alma penada. Foram todos eles que fizeram aparecer, na estação das chuvas, as goteiras que umedeceram minhas paredes, criando com suas manchas escuras figuras a lembrarem rostos, pedras, serras. Nelas subiam a perscrutar as lagartixas e os verdes papa-ventos parados, com a cabeça voltada para onde sopram os ventos e deles se sustentando por longos meses. Pelas frestas das minhas telhas as réstias de sol descem finas como as linhas de luz, que jorram das pontas dos dedos das imagens dos santos e nelas o pó tornam-se alado (CAMPOS, 2004, p. 83).

O pior, no entanto, não foi o desgaste que o tempo inflige e sim os roubos, às vezes por necessidade, mas quase sempre por depredação, ato inerente ao homem, o de ser vândalo. Há muito eles arrancaram-me as aldravas, as argolas de metal, os gonzos de ferro dos portões, os longos ferrolhos das portas e janelas. Estou inteiramente devassada. Sou pouso para animais, bichos e aves. Todos eles bem menos nefastos que os homens. Muitos foram os que furaram meu chão, cavaram ao meu redor à procura de botijas. A única botija de barro vidrado aqui existente foi usada por um dos meus vários donos, que nela escondia as moedas de ouro e patações de prata “dos ladrões de casa de que ninguém se livra”, assim afirmava ele com razão (CAMPOS, 2004, p. 84).

Considerações finais

Este trabalho nos ajudou a compreender um pouco sobre os significados da casa no livro *A Casa*, de Natércia Campos, sob a perspectiva da Psicologia Ambiental, área que estuda a relação pessoa-ambiente. Após a reflexão, percebemos que a casa é um local que proporciona diversas leituras e olhares, indo além de perspectivas hegemônicas. Isso é perceptível quando recorremos aos estudos da Psicologia Ambiental, que apresentem investigações sobre apropriação, vínculo, identidade, privacidade e demais elementos, quase todos dialogando para compreensão da moradia. Dessa maneira, a casa, de modo geral, aparece como parte intrínseca à existência humana, sendo fundamental para o abrigo e segurança do indivíduo, além de propiciar imagens de afeto e ternura. Por outro lado, essa ideia de casa romantizada aparece menos idealizada quando constatamos a existência de casas que matam; que ferem e que estão na contramão de uma casa considerada perfeito.

Em *A Casa*, por exemplo, após as reflexões aqui estabelecidas, a casa aparece bastante relacionada à memória, uma espécie de paisagem que acompanha todo o decorrer da trama. Essa memória está relacionada com imagens e lembranças dos momentos compartilhados, enraizadas na trajetória dos indivíduos, que evocam cenas peculiares. Ou seja, a casa aparece no livro enquanto ambiente que tudo registra e sente, testemunhando uma série de fatos e acontecimentos.

Referências

- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- CAMPOS, N. **A Casa**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2004.
- COSTI, M. Casas que matam, onde? In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE E INTERSECÇÕES - Arquitetura: “luz e metáfora: um olhar sobre espaços”, 2002, Porto Alegre. **Anais...** Curitiba: 2002, p. 1-7.
- EIGUER, A. A apropriação do espaço da casa. **Interações**, n. 10, p. 11-24, 2000.
- FELIPPE, M. L. Casa: Uma poética da terceira pele. **Revista Psicologia & Sociedade**, v. 22, n.2, p. 299-308, 2010.
- FRANCSICO, D. L. Casa escritas. **Moara**, v. 1, n. 29, p. 25-40, 2008.
- GONÇALVES, T. M. Habitar: A casa como contingência da condição humana. **Revista INVI**, v. 29, n. 80, p. 83-108, 2014.
- GÜNTHER, H.; PINHEIRO, J. Q.; GUZZO, R. S. L. **Psicologia Ambiental: Entendendo as relações do homem com seu ambiente**. Campinas: Alínea, 2004.
- ITTELSON, W. H. et al. Homem ambiental. **Série: Textos de Psicologia Ambiental**, 14, p. 1-9, 2005.